

Pedagogia da Internacionalização na docência universitária: um desafio para a Educação Superior

Internationalization Pedagogy in university teaching: a challenge for Higher Education

Patricia Carlesso Marcelino
Universidade do Oeste de Santa Catarina
Joaçaba - Brasil
Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo – Brasil

Marcio Giusti Trevisol
Universidade do Oeste de Santa Catarina
Joaçaba - Brasil

Resumo

Este estudo de abordagem qualitativa, bibliográfica e de metodologia analítica-hermenêutica, é derivado do estudo de pós-doutorado, junto ao PPGEd-UNOESC-SC. O problema de investigação emerge da pergunta: quais os desafios apresentados para as universidades a partir da articulação entre docência na Educação Superior e a internacionalização? Teve como objetivo central apresentar a evolução do conceito de internacionalização na Educação Superior, ressaltando suas funções, suas características e seus desafios atuais e futuros, como parte consistente para a Educação enquanto política pública e que, seguramente, precisa estar alinhada de maneira ética e equitativa, visando ao bem comum. A partir da articulação entre a docência na Educação Superior e, com base nos autores vinculados ao estudo, sugere-se o desenvolvimento de uma Pedagogia para a internacionalização.

Palavras-chave: Pedagogia; Internacionalização; Educação Superior.

Abstract

This qualitative, bibliographical study, using an analytical-hermeneutic methodology, is derived from a post-doctoral study at the PPGEd-UNOESC-SC. The research problem emerges from the question: what are the challenges for universities in linking teaching in higher education and internationalization? Its central objective was to present the evolution of the concept of internationalization in higher education, highlighting its functions, characteristics and current and future challenges, as a consistent part of education as a public policy that certainly needs to be aligned in an ethical and equitable manner, with a view to the common good. Based on the articulation between teaching in higher education and the authors linked to the study, we suggest the development of a pedagogy for internationalization.

Keywords: Pedagogy; Internationalization; Higher Education.

Considerações iniciais

A internacionalização da Educação tem sido um dos mais importantes fatores de impacto na Educação Superior, em especial, na docência universitária. De acordo com Neves e Barbosa (2020), nos últimos anos, o tema da internacionalização passou a fazer parte da agenda das lideranças acadêmicas, das principais agências de fomento e de entidades representativas das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas.

As diversas possibilidades de internacionalização vêm crescendo exponencialmente nos últimos anos no contexto acadêmico, em especial, junto aos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Por essa via, Trevisol e Fávero (2019) apontam a internacionalização como um importante vetor para o fortalecimento da pesquisa, do ensino e da extensão, enquanto indutora do desenvolvimento econômico, de inclusão social, de sustentabilidade e para a formação do cidadão global.

De acordo com Trevisol *et al.* (2023) enquanto orientação, a internacionalização pode ser considerada como: (i) o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições de educação superior; (ii) como processo que valoriza a vivência internacional, reconhece o potencial do conhecimento científico e tecnológico e prioriza os conhecimentos atrelados à solidariedade e tolerância entre povos e nações; (iii) como processo cultural que se manifesta no interior das universidades, o qual afeta as mentalidades, os valores e as percepções, dando lugar para uma visão mais ampla e universal na compreensão da realidade. No contexto da sociedade de acumulação flexível, a internacionalização pode assumir outras faces e intencionalidades que podem colocar em “xeque” sua condição de promotora de solidariedade entre povos e nações. Neste aspecto, reside um dos elementos nucleares da internacionalização que diz respeito à sua dimensão equitativa e formativa. No âmago dessa problemática, emerge a seguinte questão: quais desafios são apresentados para as universidades a partir da articulação entre a docência na Educação Superior e a internacionalização?

O objetivo central deste escrito é apresentar a evolução do conceito de internacionalização na Educação Superior, ressaltando suas funções, suas características e seus desafios atuais e futuros, como parte consistente para a Educação enquanto política pública e que, seguramente, precisa estar alinhada de maneira ética e equitativa, visando ao bem comum.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica e de metodologia analítica-hermenêutica, derivada das reflexões e dos estudos do estágio pós-doutoral, realizado junto ao PPGEd-UNOESC, linha de Pesquisa: Educação, Políticas Públicas e Cidadania, vinculado ao Grupo de Estudos sobre Processos Pedagógicos e Políticas de Educação Superior em Santa Catarina - GEPPPPES/SC. A ancoragem teórica baseia-se especialmente nos estudos de Knight (2003, 2004, 2020), Morosini e Ustároz (2016), Morosini (2017), Morosini, Woicolesco e Nez (2021), Brandalise e Heinzle (2023), Woicolesco (2023) e de outros autores que se vinculam com a temática.

A pesquisa bibliográfica de natureza hermenêutica é um processo de construção do conhecimento que apresenta, como seu grande desafio, a agregação da produção conceitual elaborada com a realidade contextualizada. Ademais, a hermenêutica filosófica constitui-se na tensão existente entre a experiência de caráter ontológico e a atividade reflexiva, livrando nossas experiências dos limites impostos pela racionalidade lógica. Sem pretensão de chegar a conhecimentos últimos e definitivos, a hermenêutica encontra-se sempre a caminho de sentidos novos, que, a exemplo dos anteriores, nunca serão desvendados por inteiro. É o esforço do desvelamento dos sentidos ocultos sob as aparências do manifesto. Para além da delimitação lógico-científica do saber humano, imposta pela racionalidade moderna, a hermenêutica dedica-se ao processo de interpretação que nunca chega à afirmação de verdades indiscutíveis (Goergen, 2010).

O estudo realizado por Morosini e Ustároz (2016) aponta que embora inerente à instituição universitária e tradicionalmente acolhida na função pesquisa, a partir deste século, no bojo da sociedade do conhecimento e da globalização, a internacionalização direciona-se para a função ensino e para todo seu arcabouço constitutivo. Dessa forma, a docência universitária constitui-se nessa imbricação global norte e global sul, em que as regras do global norte parecem as únicas corretas e os desafios do global sul estão expandidos diante de um processo sócio-histórico não equitativo.

Nesse sentido, como bem destaca Nussbaum (2012) sobre o que se refere à importância e à qualidade da Educação é que, antes de podermos planejar um sistema educacional, precisamos entender os problemas que enfrentamos para transformar alunos em cidadãos responsáveis que possam raciocinar e fazer uma escolha adequada a respeito de um grande conjunto de temas de importância nacional e internacional. A Educação possui um

papel fundamental para o desenvolvimento e o exercício das múltiplas capacidades humanas, pois forma as atitudes já existentes nas pessoas e as transforma em *capacidades internas* desenvolvidas de muitas formas. Essa formação é valiosa em si mesma, mas também é uma fonte de satisfação para toda a vida (Nussbaum, 2012).

E, mediante o desenvolvimento e a implementação de políticas públicas, particularmente, as que dizem respeito à Educação e sua complexidade de operacionalização, regulamentação, efetivação e fiscalização, deve existir, antes de tudo, um padrão. Sem sombra de dúvida, de acordo com Morosini e Ustároz (2016), sem o estabelecimento de um padrão, pautado em princípios éticos e valores culturais, norteado pelas necessidades e objetivos, não se atinge a almejada qualidade.

Com base nessas premissas, Brasil (2022), aponta que, nas discussões e reflexões sobre políticas públicas, independentemente de sua natureza e do segmento social a ser contemplado, deve existir coerência entre os seus objetivos e as reais necessidades, considerando-se, sobretudo, as ramificações de causas e consequências. As políticas públicas, de maneira geral, partem do reconhecimento de demandas e devem seguir um ritual rigoroso até sua possível implementação.

A evolução do conceito de internacionalização da educação superior

O processo de internacionalização tem o potencial de modificar as vidas de estudantes e tem um papel essencial para a ciência por intermédio da intensa troca de conhecimento acadêmico, o que pode permitir a construção de capacidades sociais e econômicas. A internacionalização pode ser desenvolvida amplamente, mediante a mobilidade de estudantes e professores, a troca de ideias, a integração da dimensão internacional ao ensino, pesquisa e extensão. Sabe-se que, no Brasil, a maneira mais conhecida de ocorrer a internacionalização da Educação é por meio do intercâmbio tanto de pesquisadores, quanto de estudantes. Dessa forma, eles passam a ter condições de adquirirem uma Educação mais global, preparando-se para novos conhecimentos, participando de outra cultura e agindo no mundo (Machado; Santos; Costa, 2020).

O processo de internacionalização da Educação Superior, segundo Rocha (2023), ganhou grande relevância ao ser compreendido como a “quarta missão da Universidade”. Esse processo, quando intencional e consciente, realmente torna-se a quarta missão das instituições, quando assim objetiva e, conforme Santos e Almeida Filho (2012), quando tem a

função de reforçar projetos conjuntos e integrados; dar maior dimensão às suas atividades de formação, de pesquisa e de inovação; conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural universitária e contribuir para a consolidação de espaços integrados do conhecimento.

Diante disso, é importante destacar a relevância da origem do termo internacionalização e as dimensões formativas e conceituais na atualidade. O estudo de Brandalise e Heinzle (2023) refere que o termo internacionalização, proposto por Knight, originou-se das Ciências Sociais, há séculos, mas vem ganhando crescente espaço e discussão na Educação desde os anos 1980, em um contexto que privilegiava a educação internacional como a relação entre nações e países. Nos anos 1990, foi possível perceber, na academia, uma certa preocupação em ampliar, diferenciar e esclarecer os termos como educação comparada, educação global e educação multicultural em um sentido de foco e escopo.

A primeira definição apresentada por Knight, em 1993, consignou a internacionalização como o processo de integração de uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, à pesquisa e aos serviços oferecidos pelas instituições de ensino superior. Nos anos 2000, em conformidade com Knight (2003, 2004), emergiram conceitos mais relacionados à mobilidade estudantil e de docentes que, conseqüentemente, remetem à extinção de barreiras geográficas na Educação Superior, como educação transacional, educação sem fronteiras (*borderless education*) e educação transfronteiriça (*cross-border education*) (Brandalise; Heinzle, 2023). De acordo com as autoras, desde que a internacionalização da Educação Superior passou a ser difundida enquanto termo científico, especialmente pela leitura de Jane Knight na década de 1990, ao longo desses anos e até a atualidade, o conceito tem passado por uma série de readequações.

Trata-se de uma orientação da própria Knight (2004), que discorre sobre a necessidade de estabelecer vigilância constante sobre o termo, visto que, para a autora, a internacionalização do Ensino Superior deve refletir a realidade vivenciada pela sociedade. Esse movimento não apenas interfere, como atribui sentido no desenvolvimento e aplicação de políticas e ações de internacionalização das universidades. No decorrer dos últimos trinta anos, foi perceptível, no campo da internacionalização da Educação Superior, que tanto os conceitos iniciais alteraram-se, quanto novos emergem, integram-se, modificam-se e compõem os novos conhecimentos e saberes (Brandalise; Heinzle, 2023).

Há uma variedade de termos relacionados à palavra internacionalização da Educação Superior e, de acordo com Santos Filho (2020), o que tem criado certa dificuldade para um entendimento consensual desse termo. De Wit e Hunter (2002) citam termos mais genéricos, mais específicos e concretos, bem como termos relacionados ao currículo. Entre os primeiros, destacam: educação internacional, estudos internacionais, internacionalismo, educação transnacional e globalização da Educação Superior. Entre os segundos estão: mobilidade acadêmica, cooperação internacional, estudos no exterior e intercâmbio internacional. Entre os terceiros são apontados: educação multicultural, educação intercultural, educação transcultural, educação para o entendimento internacional, educação para a paz, educação global, estudos transnacionais e estudos globais.

O estudo de Santos Filho (2020) menciona que, levando em conta todas essas premissas, Knight (2003) propôs a seguinte definição: “internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural, ou global no propósito, nas funções ou na oferta de educação pós-secundária”. Nessa definição, a autora destaca e explicita o sentido de alguns conceitos-chaves. Entre estes, cita os conceitos de processo, de dimensão internacional, intercultural ou global, de integração dessas dimensões nas políticas, nos programas curriculares e nos procedimentos e, por último, os conceitos de propósito, funções e oferta que devem ser considerados em conjunto.

A internacionalização é um processo dinâmico, ou seja, um esforço continuado de mudança ou evolução, não sendo um conjunto de atividades isoladas. Ela compreende três dimensões - a internacional, a intercultural e a global, ou seja, as relações entre nações, culturas ou países. Na dimensão intercultural, a internacionalização também se refere à diversidade étnica/cultural dentro dos países, das comunidades e instituições. A dimensão global, embora controversa e eivada de críticas, é acrescentada para expressar o sentido de escopo mundial. Como enfatiza Knight (2003), há uma complementaridade entre esses três termos, que, juntos, expressam a riqueza da amplitude e profundidade da internacionalização.

As potencialidades e os desafios da internacionalização na educação superior e na docência

A internacionalização está descrita como estratégia para a implementação da meta 4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS, apontando que é preciso assegurar a

educação inclusiva e equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Ela também é reforçada, conforme Gorovitz (2021) no item 4.3 dos ODS 4, no âmbito específico da Educação Superior, tendo sido acordada a necessidade de se “garantir qualidade, a equivalência e o reconhecimento das qualificações da Educação Superior e facilitar a transferência de créditos entre instituições reconhecidas desse nível educacional”. Conforme Gorovitz (2021), trata-se da valorização e do incentivo à mobilidade internacional da educação de nível superior, considerada, inclusive, um elemento para melhorar a qualidade da Educação. A internacionalização, igualmente, encontra-se em consonância com a meta 17, que diz respeito a parcerias e meios de implementação, que tem, como objetivo, fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável e que, em seu item 17.16, visa reforçar a parceria global para o desenvolvimento sustentável, complementada por parcerias multissetoriais que mobilizem e compartilhem conhecimento, expertise, tecnologia e recursos financeiros, para apoiar a realização dos objetivos do desenvolvimento sustentável em todos os países, particularmente nos países em desenvolvimento (Gorovitz, 2021).

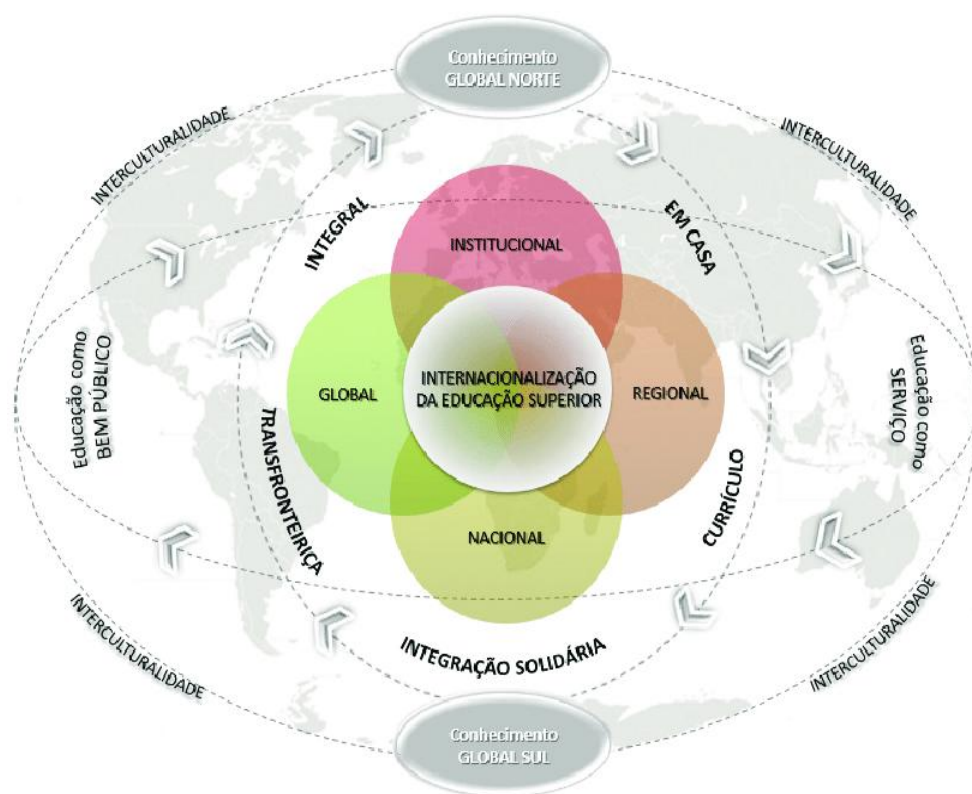
Por essa via, Trevisol e Fávero (2019) destacam que tanto os Organismos Internacionais, como a ODCE e a Unesco, quanto a declaração de Bolonha, aponta a internacionalização do Ensino Superior, como um processo, uma diretriz ou uma normatividade institucional, que deve favorecer uma formação para a lógica global de capital. Em outras palavras, qualquer proposta de internacionalização deve considerar o cenário mundial produtivo, competitivo, tecnológico e inovador. O estudo realizado por Trevisol e Fávero (2019) aponta que, nos próprios documentos internacionais é possível perceber, diferentes faces e discursos de abordagens sobre as formas e objetivos da internacionalização.

Enquanto a Unesco e a OCDE, reforçam que a internacionalização da universidade, por intermédio de pesquisadores, professores e alunos, deve buscar favorecer o desenvolvimento de habilidades necessárias ao mundo neoliberal e, que centros de conhecimento superior devem organizar-se pela lógica da competitividade e inovação. Apontam que o investimento em internacionalização realizado pelos países é para a competição tecnológica. A declaração de Bolonha, por outro lado, conserva a ideia de que, no

mundo globalizado flexível e concorrente, é necessário conservar um espaço comum de produção de conhecimento marcado pela cooperação e para produção em redes que garantam os princípios democráticos como valores para vida planetária.

Nez e Morosini (2023) sinalizam que estamos vivendo numa sociedade do conhecimento, a Educação Superior volta-se à internacionalização, levando em consideração a complexidade do processo desencadeado pela forma de produção e circulação de mercadorias e conhecimentos, que ultrapassam as fronteiras (Nez e Morosini, 2023). Por essa via, Morosini, Woicolesco e Nez (2021, p.126) apresentam, conforme a figura 1. , uma proposta de modelo conceitual para o campo científico da internacionalização da Educação Superior, na qual estão contempladas as racionalidades subjacentes ao Norte e Sul Globais:

Figura 1: O campo científico da internacionalização da educação euperior



Fonte: Morosini e Dallacorte (2021, p. 126)

Com base na figura acima, as autoras assinalam que coexistem vários conceitos e modelos que compõem o campo científico da internacionalização da Educação Superior, que precisam ser analisados à luz de alguns critérios. Em conformidade com Knight (2020, p. 20), alguns deles são: “[...] as diferenças entre países e regiões do mundo, reconhecendo que as

prioridades, razões, abordagens, riscos e benefícios diferem entre oriente e ocidente, norte e sul, entre países remetentes e receptores, desenvolvidos e em desenvolvimento”.

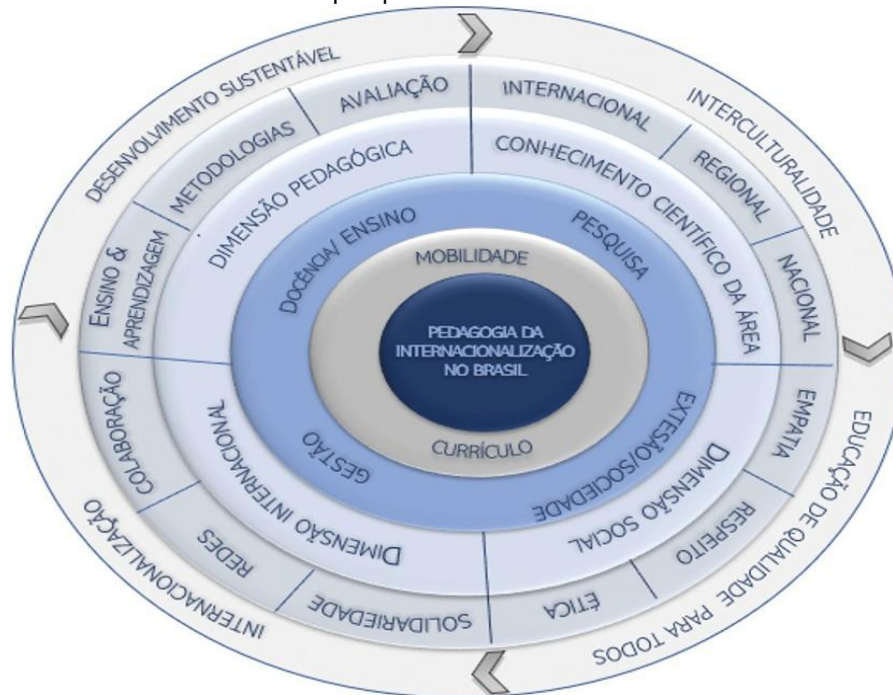
De acordo com Morosini, Woicolesco e Nez (2021, p. 139), numa Pedagogia que busca a internacionalização num contexto de desenvolvimento sustentável, a perspectiva docente, conforme as autoras, está relacionada a quatro dimensões:

- **Dimensão do conhecimento científico da área:** compreende que o docente precisa ter domínio da área de conhecimento a partir das realidades e referências nacionais, regionais e internacionais, contemplando as tendências do campo científico e proporcionando uma formação com uma perspectiva global;
- **Dimensão pedagógica:** compreende a relação entre os elementos do processo de ensino e aprendizagem, a escolha das metodologias e recursos adequados ao perfil dos estudantes e um processo de avaliação da aprendizagem constituído a partir de uma perspectiva diagnóstica e formativa que reorienta a própria prática do professor com base no currículo;
- **Dimensão internacional:** compreende a capacidade de trabalhar em redes e projetos colaborativos numa perspectiva solidária, fortalecendo as capacidades recíprocas e contribuindo para a construção de um espaço local/regional/ internacional de educação;
- **Dimensão social:** compreende a presença dos alicerces da empatia, respeito e ética, que expressam os valores indissociáveis de uma educação de qualidade para todos, sem distinção, rumo ao desenvolvimento sustentável.

Segundo Morosini, Woicolesco e Nez (2021, p. 138), a formação de estudantes em um mundo globalizado, que é, ao mesmo tempo, internacional e intercultural, exige dos docentes uma aprendizagem profissional contínua. As dimensões da formação acadêmica dos estudantes precisam fazer parte dos programas de desenvolvimento profissional docente, porque constituem uma estratégia para a qualidade e relevância da Educação Superior em uma sociedade baseada no conhecimento (Morosini, Woicolesco; Nez, 2021).

E, para atender a esses desafios, é proposta uma Pedagogia da internacionalização da Educação Superior para o contexto brasileiro, com destaque para o docente, conforme apresentado por Morosini, Woicolesco e Nez (2021, p. 139), na figura 2:

Figura 2: Matriz conceitual da Pedagogia da internacionalização da Educação Superior em contextos emergentes na perspectiva docente



Fonte: Elaborada por Morosini, Woicolesco e Nez (2021, p. 139)

A internacionalização , de acordo com Morosini, Woicolesco e Nez (2021), configura-se como missão da universidade e suas estratégias devem estar presentes nas políticas e planos institucionais, contribuindo para o enfrentamento dos desafios atuais da Educação Superior, para a cooperação solidária internacional e potencializando a relação sul-sul frente a um mundo globalizado. A cooperação internacional constitui uma ferramenta indispensável no processo de constituição de uma Pedagogia para a internacionalização (Morosini; Woicolesco; Nez, 2021).

As autoras destacam a necessidade de estudos para o aprofundamento dos pressupostos de uma Pedagogia para internacionalização da Educação Superior. Cabe sugerir o desenvolvimento de pesquisas que busquem compreender o significado da internacionalização para os docentes. Refletir sobre quais são os saberes e as competências que eles consideram relevantes para o desenvolvimento de sua atuação em ambientes internacionais e interculturais, além de analisar quais são as práticas pedagógicas que proporcionam aos estudantes uma formação internacional e intercultural, certamente, contribuirá para revisar

o papel do docente na internacionalização da Educação Superior (Morosini; Woicolesco; Nez, 2021).

Para concretizar esse processo de internacionalização incontornável, apesar de desejável, as instituições, segundo Gorovitz (2021), buscam um caminho adequado para ocupar um espaço no cenário nacional, regional e internacional, cada dia mais competitivo. Os processos globais, tanto econômicos, comerciais, de transporte e comunicação, projetam também as instituições de ensino em um panorama, em que a cultura, a ciência e as tecnologias exigem igualmente um alto grau de globalização. O desafio, segundo a autora, é manter o foco nas problemáticas e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais para a resolução desses problemas. E, devido à globalização, a internacionalização é um processo dinâmico que está continuamente evoluindo (Gorovitz, 2021).

O estudo de Souza (2021) sinaliza que alguns objetivos são destacados para a internacionalização: a educação de um cidadão global; o aumento da capacidade de pesquisa; a geração de renda das taxas/anuidades que pagam os alunos internacionais e o aumento do prestígio internacional da instituição. Novas formas de internacionalização, como a criação de *campus* no exterior, programas de educação a distância com alcance global, núcleos e redes de educação internacional, já complementam as iniciativas tradicionais de mobilidade de docentes e discentes, algumas mudanças curriculares e ligações institucionais internacionais para melhorar o ensino e a pesquisa.

Podemos observar, segundo Souza (2021) que novos parceiros institucionais, em particular do setor privado, entraram igualmente em ação. Diante disso, o autor reforça que a internacionalização abarca várias ações importantes, umas mais fáceis outras mais difíceis, mas há consenso, em geral, que engloba as seguintes ações: recepção de docentes e pesquisadores estrangeiros; envio de estudantes brasileiros ao exterior; recepção de mais alunos estrangeiros; acordos, convênios entre universidades; seminários, conferências internacionais; ensino de idiomas, oferta de cursos em inglês, “língua franca”; currículo internacional (tema mais complexo); plano de internacionalização institucional (meta).

A internacionalização das universidades, conforme Carvalho e Moraes (2022), é medida por rankings globais, cada ranking tem uma forma de analisar a internacionalização das universidades e tem critérios pré-estabelecidos para ranquear universidades. Knight (2015),

mostra, por exemplo, o ranking *Times Higher Education* (THE), que tem três indicadores principais para classificar as universidades: (a) Proporção de estudantes internacionais; (b) Proporção de professores internacionais; (c) Proporção de artigos científicos publicados, com, pelo menos, um pesquisador internacional. A autora afirma que, embora esses indicadores sejam relevantes, acabam estreitando a definição de internacionalização, pois não representam a riqueza que outros indicadores possuem para a internacionalização de uma universidade (Carvalho; Moraes, 2022).

O estudo de Trevisol, Fávero e Almeida (2020) reforça que a internacionalização, na pós-graduação, ainda é fomentada por programas de governo descontínuos e que mudam constantemente. Por outro lado, anota que a internacionalização deve ser mantida, organizada por recursos contínuos, mantido um contingente de bolsas de doutorado no exterior, que incluam um número de alunos em centros de inovação tecnológica e de instituições de ponta. Assim, a internacionalização, de acordo com Nez e Morosini (2023, p. 405), vive um momento sócio-histórico e econômico singular, buscando, cada vez mais, articular-se à Educação para a Cidadania Global e a Agenda E2030 (Nez; Morosini, 2023).

Por esse viés, Nez e Morosini (2023) reforçam os apontamentos de Morosini e Mentges (2020), destacando que a Agenda E2030 é uma nova visão de Educação que deriva do Fórum Mundial de Educação, realizado em Incheon (Coreia). São signatárias desse evento inúmeras proposições, entre elas, os objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Marco de Ação (ODS4) – Educação de Qualidade (Nez; Morosini, 2023). As autoras citam que, na especificidade da Educação Superior, está comprovado por fontes oficiais, entre elas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que a mobilidade não dá conta da internacionalização, sendo restrita a grupos elitistas e a países determinados. Na tentativa de contabilizar outras formas, foram propostos modelos alternativos. Entre eles, destacam-se a internacionalização do currículo (IoC) e a internacionalização *at home* (IaH) (Nez; Morosini, 2023).

Dessa forma, é importante salientar que as universidades devem, em conformidade com Gorovitz (2021), definir seus planos de internacionalização conforme as necessidades locais, em diálogo constante com o contexto global, com base em valores compartilhados, tais como a solidariedade ativa e a governança universitária. Esse é um desafio, que segundo a autora, que se traduz por questões específicas, como a implementação de políticas

linguísticas capazes de abrir espaço às línguas de veiculação do conhecimento global, o inglês, mas não em detrimento dos idiomas locais, que precisam ser respeitados e valorizados. É também indispensável alcançar um equilíbrio entre a preocupação com os impactos sociais e a primazia industrial em várias escalas: desenvolver competências locais, estabelecer parcerias com atores políticos, dialogar com o setor produtivo etc.

Para tanto, Gorovitz (2021) sugere que as instituições devem focar seus projetos acadêmicos em torno de temáticas transversais, multidisciplinares e interinstitucionais (criação de centros internacionais de pesquisa) e estruturar uma rede territorial de cooperação acadêmica. A construção de espaços acadêmicos regionais deve, assim, estar voltada para a identificação dos entraves sociais de cada território para acesso à inclusão. Desse modo, a internacionalização de uma instituição precisa traduzir-se por uma série de boas-práticas, tais como pesquisas colaborativas, mobilidade discente e docente, currículos inovadores descolonizados e voltados para os contextos locais, reciprocidade, entre outras.

Por essa via, os estudos de Marcelino e Cenci (2023) indicam que é necessário pensar em um novo contrato social para a Educação e este deve unir-se em torno de esforços coletivos e fornecer o conhecimento e a inovação necessários para delinear futuros sustentáveis e pacíficos para todos, fundamentados na ética e na justiça social, econômica e ambiental. Em consonância com os autores, a Educação deve desenvolver as capacidades necessárias levando em consideração a natureza mutável do trabalho e as diferentes formas pelas quais a segurança econômica pode ser suprida.

Além disso, os dados do relatório da Unesco (2022) demonstram que o financiamento educacional mundial deve ser ampliado para garantir que o direito universal à Educação seja protegido. O respeito pelos direitos humanos e a preocupação com a Educação, como um bem comum, devem tornar-se as linhas centrais que costuram o nosso mundo compartilhado e o nosso futuro interconectado. Dessa forma, o relatório da Unesco (2022) indica que a Educação é o principal caminho para enfrentar essas desigualdades enraizadas. O direito à Educação de qualidade em todos os lugares, que construa as capacidades dos indivíduos para trabalharem juntos em benefício compartilhado proporciona a base para futuros prósperos e diversificados.

Diante desse cenário, Knight (2020) enfatiza que não há dúvida de que a internacionalização amadureceu e sua importância está sendo reconhecida por atores e

formuladores de políticas educacionais em outros setores, além da Educação. Em decorrência disso, a Educação Superior está sendo vista e usada para finalidades econômicas, socioculturais, de *branding* e políticas que podem complementar ou ameaçar os benefícios acadêmicos que esperamos obter. Isso significa que nós, no setor da Educação Superior, precisamos ficar vigilantes no tocante à evolução da internacionalização e tentar manter uma atitude proativa, estratégica e baseada em provas e evitar reações *ad hoc* ou de curto prazo aos desafios emergentes.

Entre as questões desafiadoras e futuras, Morosini (2021) relembra que a estrutura do campo da internacionalização da Educação Superior do futuro mostra uma presença muito maior em todos os níveis – mundial, regional, nacional e institucional. É um campo com acúmulo marcante do capital científico e, ao mesmo tempo, é possível vislumbrar a necessidade do fortalecimento da capacidade própria e conectada com o local; da ampliação da conectividade com a competência científica dos países do Atlântico norte, mas, paralelamente, com outras compreensões de internacionalização, com a valoração das múltiplas culturas, das diferenças, do tempo e da produção local – integração acadêmica; da construção de uma universidade aberta, sem muros formalistas e cartoriais, fortalecida por redes ao seu redor, que lhe possibilitem ser centro para a internacionalização com os diferentes parceiros (Morosini, 2021).

Com base nesse cenário, Rocha (2023) considera que a “diplomacia cultural universitária” potencializa a qualidade do tripé indissociável das funções típicas de uma universidade ao inseri-la no cenário internacional e buscar parceiros estratégicos para alcançar objetivos comuns ou complementares, almejando a excelência. Mas é importante ressaltar, segundo o autor, que o processo deve ocorrer de forma autônoma, no âmbito da criação de um espaço alargado, transnacional, de conhecimento, em proveito da visibilidade internacional da instituição.

O Brasil, de acordo com Carvalho e Araújo (2020), com suas políticas educacionais, avança na cooperação internacional e implantou grandes processos de internacionalização. Sendo que internacionalização das IES ocorre por meio das diversas formas de cooperação, crucial para a melhoria da qualidade do ensino e aumento da pesquisa que, unidos, criam condições para o desenvolvimento dos países e para o incremento da qualidade de vida das populações. Os autores salientam que a internacionalização deve estar alinhada à missão da universidade, com um planejamento estratégico bem formulado e em conformidade com a

política institucional, sendo que o compromisso maior é a qualidade do ensino entregue a todos.

Considerações finais

A internacionalização de acordo com Carvalho e Araújo (2020) é um processo necessário para que se permita que o Ensino Superior se torne responsivo, perante os desafios da sociedade globalizada, entendida como um meio e não como um fim. O imenso desafio, segundo Knight (2020), é que precisamos dar continuidade à pesquisa aplicada e teórica sobre o fenômeno da internacionalização; promover a cooperação e reciprocidade no interior da comunidade acadêmica e com parceiros de outros setores; apoiar e incentivar pesquisadoras e pesquisadores emergentes, formuladores de políticas e profissionais em nosso campo, e manter firmeza em relação a nossos valores e verdades que subjazem à internacionalização.

Nesse sentido, Carvalho e Araújo (2020) destacam que é necessário sempre estar atento às tendências da internacionalização do Ensino Superior no país para que se possa gerar conhecimento de alto nível, como direito universal e fundamental dos indivíduos, para tornarem-se competentes e qualificados, assim buscando oportunidades de progresso e desenvolvimento da cidadania.

No campo da docência, a internacionalização, como nos lembram De Marco, Canci e Costa (2023), exige que o docente esteja integrado no mundo globalizado, aberto e solidário em relação aos outros. Essa condição de compromisso educacional, ético e equitativo requer um processo de articulação do tipo colaborativo e de consciência global. É importante ressaltar, o que assinalam Morosini, Woicolesco e Nez (2021), que a responsabilidade pela formação de gerações de graduados que estejam preparadas para o exercício da cidadania global e que possam viver e trabalhar em uma sociedade sustentável, é um desafio que precisa ser assumido por toda a comunidade universitária.

Nesse sentido, Morosini, Woicolesco e Nez (2021) sugerem o desenvolvimento de uma Pedagogia para a internacionalização da Educação Superior no Brasil, a partir da perspectiva docente, para que se possa contribuir para responder a esse desafio “urgente”.

Referências

BOUFLEUR, José Pedro; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Ética, docência e mundo comum. In: CENCI, Angelo Vítório; LODEA, Andrei Luis; BORTOLINI, Bruna de Oliveira; MARCELINO, Patricia Carlesso (orgs.). **Ética e Docência**. Passo Fundo: EDIUPF, 2024. p. 154-170.

BRANDALISE, Giselly Cristini Mondardo; HEINZLE, Márcia Regina Selpa. Internacionalização da e na educação superior: conceitos e abordagens. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, v. 9, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8670113>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BRASIL. Conferência Nacional de Educação - CONAE 2022. **Documento de Referência Inclusão, qualidade e equidade: compromisso com o futuro da Educação Brasileira**. Brasília, 2022.

CARVALHO, Renato Pereira de Lima.; MORAES, Mario Cesar Barreto. Internacionalização e Ensino Superior: um estudo comparativo entre as percepções de estudantes brasileiros e norte-americanos sobre a realidade das instituições de Ensino Superior brasileiras. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 10, p. 1-21, 2022. Disponível em: - <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8664364>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CARVALHO, Sabrina Borges Ramos de.; ARAUJO, Geraldino Carneiro de. Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. In: **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 25, n. 01, p. 113-131, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772020000100007>. Acesso em: 21 jul.2024. p.113-141.

CENCI, Angelo Vitório, et al. Apresentação. In: CENCI, Angelo Vitório; LODEA, Andrei Luiz; BORTOLINI, Bruna de Oliveira; MARCELINO, Patricia Carlesso (orgs.). **Ética e Docência**. Passo Fundo: EDIUPF, 2024. p. 7-23.

DE MARCO, Jéssica; CANCI, Chanauana de Azevedo.; COSTA, Valesca Brasil. A formação pedagógica na docência universitária e seu consequente impacto na internacionalização da educação superior. **Revista Educação e Emancipação**, v. 16, n. 1, p. 197–221, maio. 2023. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/17865>. Acesso em: 9 jul. 2024.

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona. The Future of Internationalization of Higher Education. **International Higher Education**, Boston, n. 83, p. 23, 2015. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/9073> Acesso em: 10 jun. 2024.

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona. Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education: where have we come from and where are we going? **Routledge Handbook of International Education and Development**. New York, p. 340-358, aug. 2015. Disponível em: <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315797007.ch25>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FÁVERO, Altair Alberto; TREVISOL, Marcio Giusti. Ensino Superior e internacionalização: atores e desafios. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S. l.], v. 25, n. 53, p. 35–60, 2020. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1367>. Acesso em: 9 jul. 2024.

GOERGEN, Pedro. Prefácio da Obra. In: FLICKINGER, Hans Georg (org.). **A caminho de uma Pedagogia Hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

GOROVITZ, Sabine. Apresentação. In: GOROVITZ, Sabine.; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (orgs). **Políticas e tendências de internacionalização do Ensino Superior**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

KNIGHT, Jane. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, Boston, n. 33, p. 2-3, 2003. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/7391/6588>. Acesso em: 10 jun., 2024.

KNIGHT, Jane. Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. **Journal of Studies in International Education**. Spring, v. 8, n. 1, p.5-31, mar. 2004. Disponível em <https://bit.ly/3szWUHK>. Acesso em: 20 jul. 2024.

KNIGHT, Jane. **Internacionalização da Educação Superior: conceitos, tendências e desafios**. 2 ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

MACHADO, Karen Graziela Weber; SANTOS, Pricila Kohls dos; COSTA, Camila. As contribuições das tecnologias digitais para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global. **Revista Cocar**, Belém, v.14, n. 29, p. 700-722, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3404/1542>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MARCELINO, Patricia Carlesso.; CENCI, Angelo Vítório. O papel da Educação na era das múltiplas crises: a construção de um novo contrato social com vistas ao Bem Viver. **Revista Cocar**. Belém, v. 19, n. 37, p. 1-20 , 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7513>. Acesso em: 4 abr. 2024.

MOROSINI, Marília. Internacionalização da Educação Superior no Brasil e desafios no contexto do sul global. **Revista Educación Superior y Sociedad (ESS)**, v. 33, n. 1, p. 361-383, may. 2021. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/issue/view/44> Acesso em: 24 jun.2024.

MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização da Educação Superior no Brasil e desafios no contexto do sul global. **Revista Educación Superior y Sociedad (ESS)**, v. 33, n. 1, p. 361-383, may. 2017. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/issue/view/44>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MOROSINI, Marília; WOICOLESCO, Vanessa Gabrielle; NEZ, Egeslaine de. Pedagogia da Internacionalização em casa no contexto da Educação Superior Brasileira. In: MOROSINI, Marília; CASSOL, Carla; ELSNER, Cristina; WHITSED, Craig (orgs.). **Internacionalização da Educação Superior: reflexões e práticas do Brasil e da Austrália**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 119-148.

MOROSINI, Marília; MENTGES, Manuir José. Organismos Internacionais e Educação Superior: Proposições da Agenda E2030. *ETD - Educ. Temat. Digit.* [online]. v. 22, n.3, p. 632-650, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v22i3.8659308>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MOROSINI, Marília; USTÁRROZ, Elisa. Impactos da internacionalização da educação superior na docência universitária: construindo a cidadania global por meio do currículo globalizado e das competências interculturais. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 35- 46, set./dez. 2016.

NEZ, Egeslaine de; MOROSINI, Marília. Internacionalização em casa na região centro-oeste brasileira: a atuação dos grupos e redes de pesquisa. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 403-420, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/66078>. Acesso em: 3 jul. 2024.

NUSSBAUM, Martha. **Crear Capacidades**: propuestas para el desarrollo humano. Tradução Santos Mosquera Albino. Madrid: Paidós, 2012.

ROCHA, Rafael Assumpção. A diplomacia acadêmica e o processo de Internacionalização. **Revista Arte 21**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/arte21/article/view/458>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A quarta missão da universidade**: Internacionalização Universitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Internacionalização da Educação Superior: redefinições, justificativas e estratégias. **Série-Estudos**. Campo Grande, v. 25, n. 53, p. 1-34, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serieem:udos.voio.1383>. Acesso em: 26 jun., 2024.

SOUZA, Heitor Gurgulino de. A Internalização das universidades brasileiras. In: GOROVITZ, Sabine; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (orgs.). **Políticas e Tendências de Internacionalização do Ensino Superior**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

TREVISOL, Marcio Giusti; FÁVERO, Altair Alberto As diversas faces da internacionalização: análise comparativa entre duas instituições comunitárias do sul do Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, v. 5, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653894>. Acesso em: 24 jul. 2024.

TREVISOL, Marcio Giusti.; FÁVERO Altair Alberto; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. Pesquisa e avaliação no PNPG (2011-2020): fragilidades e potencialidades. **Revista Eletrônica ESQUISEDUCA**, v.11, n. 25, p. 303-324, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/901>. Acesso em: 20 jun. 2024.

TREVISOL, Marcio Giusti; FÁVERO, Altair Alberto; TEDESCO, Anderson Luiz.; SCHOENARDIE, Davi Alexandre. Políticas de internacionalización de la educación superior: el caso de dos Universidades Comunitarias del sur de Brasil. **Revista Latino-Americana de Políticas y**

Administración de la Educación, v. 21, n. 19, p. 45-59, 2023. Disponível em: <https://revistas.untref.edu.ar/index.php/relapae/article/view/1788>. Acesso em: 25 jul. 2024.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos**: um novo contrato social para a Educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

Sobre os autores

Patrícia Carlesso Marcelino

Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF-RS); Especialista em Docência na Saúde (UFRGS); Especialista em Arteterapia e, em Atividade Física e Qualidade de Vida (UPF-RS); Profissional de Educação Física, Arteterapeuta Junguiana e Pedagoga; Pesquisadora e Membro do Grupo de Estudos em Ética, Democracia e Educação (GEEDE-UPF-RS), do Grupo de Pesquisa Teoria e Práxis Pedagógica da Universidade de Passo Fundo (UPF-RS) e do Grupo de Estudos sobre Processos Pedagógicos e Políticas de Educação Superior em Santa Catarina - GEPPPPES-SC. Pós-Doutora pelo PPGEd- Unoesc-SC e pelo PPGEdu-UPF-RS.

E-mail: patriciacarlessowellness@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9084-1182>

Marcio Giusti Trevisol

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF-RS), Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-SC); Filósofo. Docente dos cursos de graduação e no PPGEd - UNOESC-SC, linha de Pesquisa: Educação, Políticas Públicas e Cidadania; Líder do Grupo de Estudos sobre Processos Pedagógicos e Políticas de Educação Superior em Santa Catarina - GEPPPPES/SC. Membro da REDE-GIEPES Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação Superior, da Rede Iberoamericana de Estudos e Pesquisas de Políticas e Processos de Educação Superior - RIEPPES e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES - UPF-RS).

Email: marcio.trevisol@unoesc.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6127-1750>

Recebido em: 12/09/2024

Aceito para publicação em: 20/03/2025